

Collor acha que parlamentarismo é golpe

Brasília — Fotos de José Varella

BRASÍLIA — Fernando Collor de Mello considera “golpista” a proposta de antecipação do plebiscito para decidir sobre a mudança do sistema de governo, feita pelo deputado Ulysses Guimarães. “Temos uma Constituição que prevê o plebiscito para 1993 e devemos respeitá-la”, disse, reafirmando sua posição de parlamentarista. Lembrou que, se eleito, será “o presidente da transição do sistema presidencialista para o parlamentarista”. Collor, que sonha com o apoio de Ulysses para o segundo turno, fez questão de dizer que “o deputado deve ter sido mal entendido, porque uma proposta como essa não está à sua altura”.

Collor reapareceu em público ontem, após ficar três dias isolado em companhia da família e de poucos amigos chegados em sua casa e na do empresário Eduardo Cardoso. Reinicia sua campanha na segunda-feira e pretende realizar pelo menos 10 grandes comícios pelo país. Até ontem à noite estava certo de que seu adversário seria Luís Inácio Lula da Silva, mas dizia que para ele era indiferente disputar com Lula ou Brizola. “Receberei os dois com o mesmo respeito e consideração”.

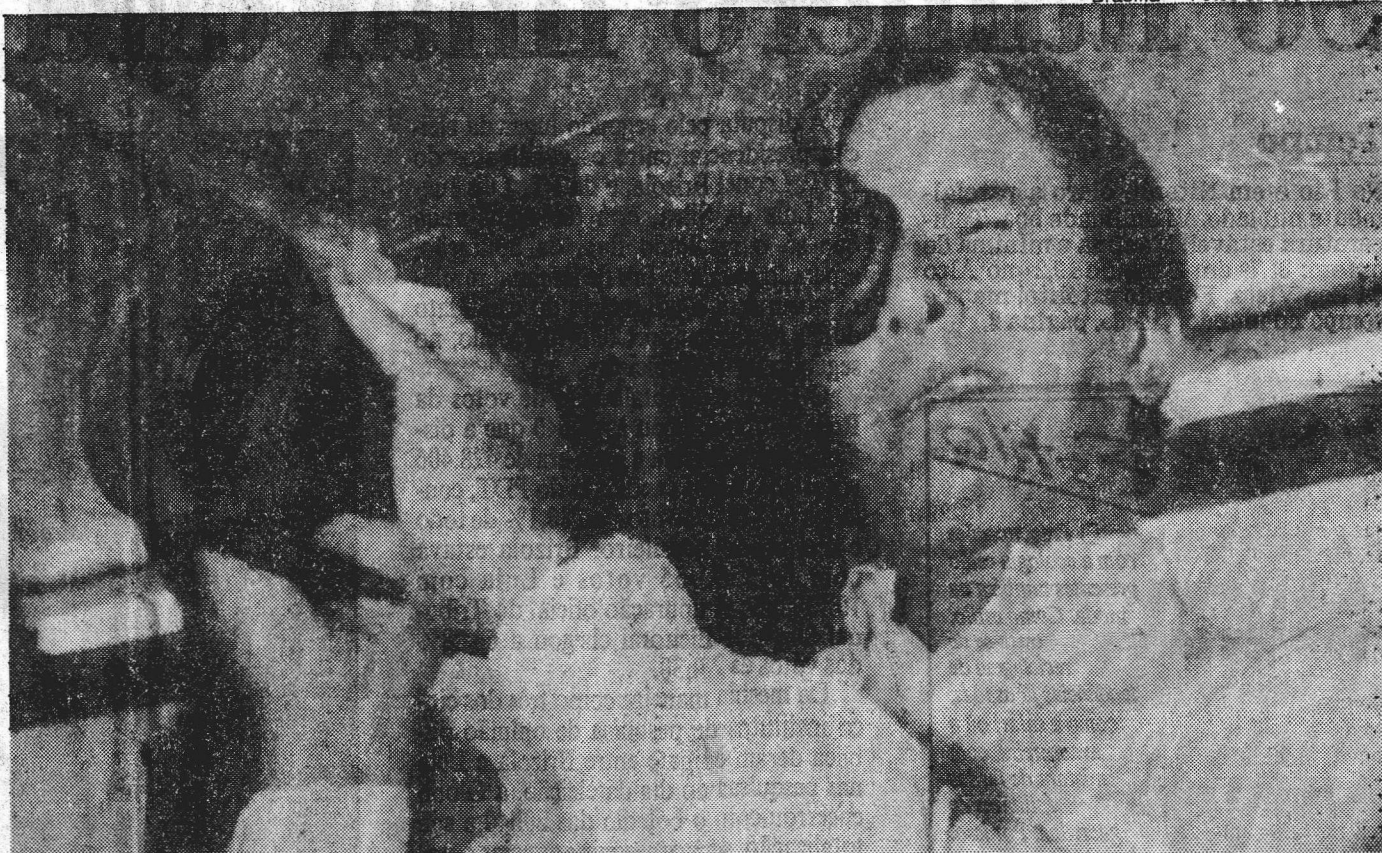
Ideologia — Preocupado em não tornar ideológico o debate, até para não ser tachado como o candidato da direita, Collor — que há meses previa que o segundo turno se transformaria num “embate ideológico” — disse que “essa questão de esquerda ou direita está superada, até porque 70% do povo não sabe o que é isso e está querendo é alguém capaz de resgatar sua cidadania perdida”.

Por isso, o candidato não acredita que haja uma união da esquerda contra ele, “porque nem o eleitorado do deputado Luís Inácio é só de esquerda. Todos sabem que na base nossos eleitorados se confundem”. Collor falou de Lula, sem nunca referir-se a ele pelo apelido, mas não tocou no nome de Brizola. Disse que não se surpreendeu com o bom desempenho do PT. “Eu sempre disse que iria com o PT para o segundo turno, até porque o partido teve uma grande ajuda, principalmente nos estados do Norte e Nordeste, da ala da Igreja que segue a Teologia da Libertação”.

Collor adiantou que procurará “as forças progressistas”, mas não quis adiantar quem serão seus aliados preferenciais para enfrentar a etapa final da eleição. Ao contrário do que vem fazendo seus assessores, Collor não disse que rejeita o apoio da direita. “Quem estiver disposto a se incorporar à nossa proposta social-democrata de governo, será bem-vindo. Não se pode estreitar as possibilidades de alianças”, afirmou. O candidato disse que a palavra “negociação” não é a melhor para se aplicar aos “entendimentos” que fará tentando transformar adversários de ontem em aliados do futuro. “O nosso programa é inegociável”.

Collor voltou a prometer uma devassa no governo José Sarney, se chegar ao Palácio do Planalto, “porque o sr. Sarney está inequivocamente envolvido em corrupção e a sociedade precisa ser vingada”. Disse que só se sentará para conversar sobre a transição de governo com o presidente “se for absolutamente necessário”. Para conduzir esse trabalho, prefere que seus assessores conversem com funcionários “de segundo ou terceiro escalão”, aos quais o candidato garantiu já estava consultando “há tempos”.

Perguntado sobre a fama de ser uma pessoa temperamental, Fernando Collor disse que cultivava a paciência “desde pequeno”, a conselho do pai, o senador Arnon de Mello. “Não sou temperamental, mas não levo desaforo para casa e me reservo o direito de reagir às agressões com vigor”, disse ele, garantindo que terá serenidade e tolerância para governar.



Arredio à imprensa na campanha, Collor ontem chegou a brincar com a câmera da TV Globo



Em sua casa, com os filhos Joaquim Pedro (E) e Arnon Afonso